

Eduarda Moura Silva

**Dependência e carência: a velhice no imaginário coletivo de profissionais de
uma instituição de longa permanência para idosos**

Uberlândia

2024

Eduarda Moura Silva

**Dependência e carência: a velhice no imaginário coletivo de profissionais de
uma instituição de longa permanência para idosos**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Instituto de Psicologia da Universidade Federal
de Uberlândia, como requisito parcial para a
obtenção do Título de Bacharel em Psicologia
Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Sanches Peres

Uberlândia

2024

Eduarda Moura Silva

Dependência e carência: a velhice no imaginário coletivo de profissionais de uma instituição de longa permanência para idosos

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Psicologia
Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Sanches Peres

Banca Examinadora

Uberlândia, 14 de novembro de 2024

Prof. Dr. Rodrigo Sanches Peres (Orientador)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia-MG

Profa. Dra. Denise Stefanoni Combinato (Examinadora)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia-MG

Profa. Dra. Silvia Maria Cintra da Silva (Examinadora)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia-MG

Uberlândia
2024

Agradecimentos

Minha jornada acadêmica inteira seria impossível sem o apoio incansável da minha mãe, Aglicia. Expresso toda a minha gratidão a você por tornar possível este sonho. Este trabalho é especialmente para você.

Ao meu pai, Aristóteles, que apesar das divergências, sempre fez o possível por mim.

Sou grata à minha avó, Maria Cleonice, fonte inspiradora deste trabalho, e, minha segunda mãe.

Agradeço à minha irmã, Gabrielly, e ao Luiz Henrique, por sempre terem acreditado em mim, mesmo quando eu duvidei de mim mesma.

Expresso minha gratidão ao Dr. Rodrigo Sanches Peres, meu orientador, que tem estado ao meu lado desde o início do curso de Psicologia.

Por fim, gostaria de agradecer aos meus amigos, cuja contribuição foi fundamental para concluir esta jornada.

Resumo: Instituições de longa permanência para idosos (ILPIs) são instituições de aspecto residencial, que podem ser particulares ou públicas, e assumem a responsabilidade integral de indivíduos com idade acima de 60 anos. Dessa maneira, as ILPIs contam com profissionais de diversas áreas. O trabalho realizado por esses profissionais pode ser afetado, principalmente de maneira inconsciente, por um conjunto de ideias e afetos passível de compreensão mediante o recurso ao conceito de imaginário coletivo em sua acepção psicanalítica. O presente estudo teve como objetivo investigar qualitativamente o imaginário coletivo de profissionais de uma ILPI quanto à velhice. Participaram 14 profissionais, todas do sexo feminino, com ensino fundamental completo, que ocupavam cargos que envolvem a atuação direta ou indireta junto a idosos em uma ILPI. A coleta de dados ocorreu individualmente, na própria ILPI. O instrumento selecionado utilizado foi o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema (PDE-T). O material obtido foi submetido à interpretação psicanalítica mediante a realização de sucessivas leituras flutuantes voltadas à demarcação de campos de sentido. Foram configurados três campos de sentidos, assim intitulados (1) Dependentes e carentes; (2) Rabugentos e abandonados e (3) (Des)Arranjo familiar. Em linhas gerais, esses campos de sentido indicam que parece predominar, entre as participantes, uma perspectiva negativa sobre o envelhecimento, à luz da qual ele é associado, sobretudo, à dependência e à carência. Sob a influência dessa perspectiva, a atenção integral que deve ser ofertada no âmbito das ILPIs pode acabar se revelando inviável. De qualquer forma, o imaginário coletivo de diversas participantes aparentemente subsidia atitudes empáticas. Novas pesquisas desenvolvidas com foco na investigação do imaginário coletivo em sua acepção psicanalítica poderão revelar se profissionais com maior escolaridade apresentam características semelhantes ou distintas.

Palavras-chave: Imaginário coletivo, idoso, velhice.

Abstract: Long-Term Care Institutions for the Elderly are residential facilities, which can be private or public, and take full responsibility for individuals over 60 years of age. In this way, Long-Term Care Institutions for the Elderly employ professionals from various areas. The work of these professionals can be influenced, particularly in an unconscious manner, by a set of ideas and feelings that can be understood through the concept of collective imaginary in its psychoanalytic sense. The present study aimed to investigate qualitatively the collective imaginary of professionals working in a Long-Term Care Institutions for the Elderly regarding aging. Fourteen professionals, all female, with completed elementary education, and in positions involving direct or indirect interaction with elderly individuals in an Long-Term Care Institutions for the Elderly, participated in the study. Data collection was conducted individually, in the Long-Term Care Institutions for the Elderly dependences. The instrument used was the Thematic Drawing-and-Story Procedure. The material obtained was subjected to psychoanalytic interpretation through successive floating readings aimed at marking fields of meaning. Three fields of meaning were identified, titled: (1) Dependent and needy; (2) Grumpy and abandoned; and (3) (Dis)Arranged family. In general, these fields of meaning suggest that a negative perspective on aging predominates among the participants, where aging is predominantly associated with dependence and neediness. Under the influence of this perspective, the integral care that should be offered within Long-Term Care Institutions for the Elderly may end up being unfeasible. In any case, the collective imaginary of several participants seemingly supports empathetic attitudes. Further research focused on investigating the collective imaginary in its psychoanalytic sense could reveal whether professionals with higher education levels exhibit similar or different characteristics.

Keywords: Collective imaginary; aged; old age.

Sumário

Introdução.....	4
Método.....	7
Resultados.....	10
Discussão.....	16
Considerações finais.....	20
Referências.....	21

INTRODUÇÃO

O envelhecimento é algo que ocorre de maneira natural e se inicia desde que nascemos, mas se dá de forma diferente de uma pessoa para a outra. Segundo Oliveira et al (2020), o ser humano é considerado “velho” quando chega à terceira idade, ou seja, quando atinge os 60 anos nos países em desenvolvimento ou os 65 anos nos países desenvolvidos, independente de enfermidades. Além disso, o envelhecimento não está ligado apenas à idade cronológica, pois envolve processos fisiológicos e sociais que transformam aspectos físicos e mentais a ponto de favorecer o desenvolvimento de enfermidades que podem prejudicar a capacidade de autocuidado e, com isso, ocasionar a dependência de cuidados especiais.

Os idosos que exercem suas tarefas do dia a dia de forma independente normalmente moram com familiares ou até mesmo sozinhos, porém, quando ocorre a necessidade de cuidados especiais, algumas situações, como a falta de condição financeira e a falta de tempo dos familiares, para citar apenas dois exemplo, levam à institucionalização (Oliveira et al., 2020; Sousa & Peres, 2023). Existem idosos, contudo, que, devido à conjunção de limitações físicas e/ou psíquicas e ao abandono e/ou aos maus-tratos, são atendidos pelo Serviço de Proteção Social Especial de Alta Complexidade e então direcionados para Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs) (Cardoso, 2016).

Vale ressaltar que houve um aumento significativo nos relatos de casos de idosos que enfrentam abandono afetivo reverso. Este fenômeno é caracterizado, basicamente, pela ausência de amor e atenção. Embora o amor não possa ser forçado, o dever de cuidar é intrínseco e respaldado legalmente. O abandono por parte de familiares viola os direitos dos idosos, resultando em violência moral e no sofrimento psíquico causado pela ausência de afeto, justamente quando o indivíduo espera receber maior apoio e carinho da família (Balak & Ningiski, 2020).

Conforme Alves et al (2017), as ILPIs derivam das instituições de caridade de caráter religioso que, no passado, ajudavam os mais necessitados, em situação de pobreza, de todas as idades, inclusive quanto à provisão de abrigo. Atualmente, as ILPIs são instituições de aspecto residencial, que podem ser particulares ou públicas, e assumem a responsabilidade integral de indivíduos com idade acima de 60 anos. Essas instituições tem como intuito promover a prevenção e a redução dos diversos riscos aos quais a população idosa fica exposta sem o devido cuidado (Oliveira et al., 2020).

As ILPIs são regulamentadas pela Resolução da Diretoria Colegiada nº 502, de 27 de maio de 2021, da Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Essa resolução define critérios para o funcionamento e o monitoramento das ILPIs e estabelece a necessidade de uma equipe multidisciplinar composta por: (1) um responsável técnico; (2) cuidadores de idosos em quantidade variável dependendo do grau de dependência; (3) um profissional com nível superior completo para cada 40 idosos; (4) um profissional de limpeza para cada 100 m²; (5) um profissional de serviço de alimentação para cada 20 idosos; e (6) um profissional para o serviço de lavanderia para cada 30 idosos.

A equipe multiprofissional é um elemento do trabalho em equipe, que consiste na convivência, em um mesmo espaço, de profissionais de diversas profissões, além de que envolve o processo de intercomunicação e a tomada de decisões em equipe, e possui o intuito de melhorar a produção do cuidado em saúde (Arruda & Moreira, 2016; Peres et al., 2011). A cada membro da equipe multiprofissional compete proporcionar um cuidado abrangente, relacionado à sua área de formação, para atender demandas concernentes à atenção integral (Orsi, 2018).

Além disso, é preciso assumir certa responsabilidade perante os idosos, obedecendo um conjunto de normas que são delineadas pelo regulamento da instituição (Guerra et al., 2019). Também é importante destacar que as conexões entre idosos e cuidadores, bem como entre os

cuidadores e o ambiente são profundas e permeadas por uma certa subjetividade. Essas interações catalisam a expressão da dimensão emocional, que se manifesta no ambiente da instituição (Oliveira & Enoque, 2019).

Segundo Rosa et al (2019), o conceito de imaginário coletivo foi originalmente apresentado, em sua acepção psicanalítica, pela psicanalista brasileira Tânia Maria José Aiello-Vaisberg, para aludir ao conjunto de ideias e afetos que, principalmente de maneira inconsciente, influenciam as atitudes, sejam elas individuais ou coletivas, de um determinado grupo social frente a fenômenos vivenciados pelo mesmo ou por outro grupo social. Diante disso, o imaginário coletivo implica diretamente na identificação de criações imaginativas, como os campos de sentido afetivo-emocionais (Aiello-Vaisberg & Ambrosio, 2006; Simões et al., 2014).

Os campos de sentido podem ser descritos como substratos afetivo-emocionais inconscientes, moldados de forma relacional (Silva & Peres, 2016). Sendo assim, o conceito de imaginário coletivo, em sua acepção psicanalítica, se distancia de uma visão do inconsciente como uma instância meramente intrapsíquica, pois o compreende como uma espécie de rede de significados tecida intersubjetivamente. Portanto, no contexto de pesquisas que investigam o imaginário coletivo, o objetivo é captar campos de sentido, recorrendo, para tanto, ao trabalho interpretativo do pesquisador, baseado na valorização de uma variedade de perspectivas sobre o fenômeno de interesse (Assis et al., 2020).

Tal conceito, assim, se alinha à noção de conduta apresentada pelo psiquiatra e psicanalista argentino José Bleger para designar diferentes formas de expressão humana, simbólicas ou concretas (Bleger, 1989). O autor parte do princípio de que toda conduta se dá de forma individual e social, de maneira simultânea, pois se manifesta em uma cultura que, conforme é vivenciada por cada indivíduo, modela os vínculos que nela se estabelecem (Rosa et al., 2019). Sendo assim, “o imaginário coletivo não é entendido como fenômeno puramente

e exclusivamente mental, mas como conduta unitária passível de se expressar segundo modos psíquicos ou de atuação, que pode inclusive gerar produtos materiais” (Simões et al., 2014, p. 66).

Conforme Simões et al (2014), o trabalho de profissionais que lidam com um determinado público tende a ser influenciado positivamente ou negativamente tanto por conhecimentos técnicos quanto pelos elementos do imaginário coletivo concernentes a esse público ou a fenômenos que são próprios a eles. Dessa forma, o presente estudo teve como objetivo investigar qualitativamente o imaginário coletivo de profissionais de uma ILPI quanto à velhice.

MÉTODO

Participantes

Participaram do presente estudo 14 profissionais de uma ILPI situada no interior de Minas Gerais, sendo todas do sexo feminino e extraídas da amostra de uma pesquisa mais ampla de acordo com o critério de escolaridade, por apresentarem ensino fundamental completo. As participantes ocupavam cargos que envolvem a atuação direta ou indireta junto aos idosos, possuíam idade entre 24 e 61 anos e tempo de experiência na ILPI entre 2 meses e 31 anos, como se vê na Tabela 1.

Participante	Idade	Cargo	Escolaridade	Tempo na ILPI
1	36 anos	Cuidadora de idosos	Fundamental	3 meses
2	24 anos	Cuidadora de idosos	Fundamental	2 meses
3	43 anos	Cuidadora de idosos	Fundamental	2 meses
4	59 anos	Cuidadora de idosos	Fundamental	10 anos
5	58 anos	Cozinheira	Fundamental	16 anos
6	47 anos	Cozinheira	Fundamental	2 anos
7	58 anos	Auxiliar de cozinha	Fundamental	3 meses
8	55 anos	Auxiliar de limpeza	Fundamental	13 anos
9	48 anos	Auxiliar de limpeza	Fundamental	15 anos
10	59 anos	Auxiliar de limpeza	Fundamental	13 anos
11	61 anos	Auxiliar de limpeza	Fundamental	31 anos
12	52 anos	Auxiliar de limpeza	Fundamental	2 anos
13	61 anos	Auxiliar de limpeza	Fundamental	24 anos
14	58 anos	Auxiliar de lavanderia	Fundamental	13 anos

Instrumento

O instrumento selecionado para a coleta de dados foi o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema (PDE-T) (Aiello-Vaisberg, 1999). Trata-se de um recurso mediador dialógico amplamente utilizado na exploração do imaginário coletivo em sua acepção psicanalítica (Aiello-Vaisberg & Ambrósio, 2013), até porque se adapta a diferentes objetivos de pesquisa. No presente estudo, cada participante, mediante a utilização do PDE-T, foi solicitada a desenhar “uma pessoa idosa”, a criar uma estória a respeito da mesma – contando-a oralmente – e a criar um título para a estória. Na sequência, foi realizada uma discussão livre sobre o desenho e da estória entre a participante e a pesquisadora responsável pela coleta de dados. Os materiais utilizados foram lápis preto, prancheta e papel sulfite. As participantes foram informadas de que poderiam desenhar e criar da maneira que preferissem.

Cenário

O presente estudo teve como cenário uma ILPI de caráter filantrópico, fundada há mais de 50 anos, localizada em uma cidade no interior de Minas Gerais. Durante a coleta de dados, a ILPI abrigava 48 idosos, distribuídos em suítes individualmente ou em duplas. As suítes se dividiam em pavilhões separados por sexo, com espaços específicos destinados aos idosos acamados. A ILPI contava ainda com áreas de conveniência, refeitório, lavanderia, salas de reuniões e recepção. A equipe de profissionais era composta por 52 membros, incluindo 18 cuidadoras de idosos, 11 técnicas de enfermagem e 2 enfermeiras.

Entrada no campo

A coleta de dados foi realizada por duas pesquisadoras. Uma delas foi responsável pelo contato inicial com a direção da ILPI, para obtenção da devida autorização. A entrada no campo ocorreu na sequência. Sempre ao chegarem na ILPI, as pesquisadoras aguardavam a liberação para entrada na recepção. O acompanhamento dos participantes foi feito levando-se em conta o local e o horário de trabalho de cada um deles. As profissionais da equipe de recursos humanos convidavam os participantes para se reunir com as pesquisadoras, que então lhes apresentavam a pesquisa e o convite para participação.

Procedimentos

A ILPI que constituiu o cenário do presente estudo foi selecionada conforme o critério de conveniência. Cada um dos membros de sua equipe foi convidado individualmente a participar. O convite foi feito pessoalmente, na própria ILPI, conforme já descrito. Com as profissionais que concordaram em participar, foi agendada a coleta de dados, a qual ocorreu individualmente, em ambiente reservado na ILPI, em dias e horários definidos em comum acordo. A coleta de dados foi gravada em áudio e posteriormente transcrita. O material obtido

foi, então, submetido à interpretação psicanalítica mediante a realização de sucessivas leituras flutuantes voltadas à demarcação de campos de sentido. Vale destacar que o desenvolvimento do presente estudo foi autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia por meio do parecer 5.548.158.

RESULTADOS

A análise dos resultados levou à configuração de três campos de sentidos, os quais foram assim intitulados: (1) Dependentes e carentes; (2) Rabugentos e abandonados e (3) (Des)Arranjo familiar.

Dependentes e carentes

Este campo de sentido foi organizado em torno de duas crenças, sobre duas características que, para as participantes de modo geral, estariam presentes em idosos. A primeira característica seria a dependência física decorrente de limitações causadas pelo envelhecimento, conforme o excerto 1: “[A pessoa idosa] *já é uma pessoa decadente, né? Por ser idosa, né? Precisa de muito cuidado, né? [...] Precisa muito de atenção, cuidado*” (Participante 5). O mesmo se depreende do desenho 1 e do desenho 2, produzidos pela participante 2 e pela participante 13, em que os personagens utilizam muletas e cadeira de rodas, respectivamente. E o excerto 2 acrescenta que a institucionalização pode se mostrar inevitável devido a essa primeira característica: “*A gente sabe que eles [idosos] precisa [sic] da gente [profissionais da ILPI] pra tudo...*” (Participante 6).



Desenho 1: relativo à estória “A idosa fragilizada”, elaborada pela participante 2



Desenho 2: relativo à estória “Abandono de incapaz”, elaborada pela participante 13

Já de acordo com a segunda crença concernente a este campo de sentido, também seria típica da velhice certa carência emocional, como se vê no excerto 3: “[Idoso precisa de] *cuidado e tudo, né? Amor, carinho, atenção, respeito*” (Participante 3). O excerto 4 acrescenta que o afastamento da própria família seria a principal causa dessa característica, e que uma das funções das ILPIs seria suprir a demanda que lhe é correlativa: “*Elas [pessoas idosas institucionalizadas] só não tem o quê aqui [na ILPI]? As visitas dos parentes [sic], o carinho... Porque quem dá carinho aqui é uma à outra, e a gente [profissionais da ILPI], que conversa*” (Participante 13). Portanto, parece razoável propor que, como reflexo das duas crenças em questão, um dos sentimentos que moldam o imaginário coletivo das participantes em relação aos idosos é a compaixão, de acordo com este campo de sentido.

Rabugentos e abandonados

Este campo de sentido decorre da constatação de que, para diversas participantes, a institucionalização de idosos comumente seria uma consequência direta do abandono familiar, conforme o excerto 5: “*Nós estamos [na ILPI] num lugar de abandono, de esquecimento, de famílias ingratas que não dão valor aos seus pais, né?*” (Participante 4). O excerto 6 traduz a mesma perspectiva: “*Vem idoso pra cá [na ILPI] porque não tem ninguém pra cuidar, né? Tem uns que tem filho, mas o filho não quer cuidar, né? Ai traz pra cá e fica aqui...*” (Participante 10). Portanto, em consonância com as participantes que expressaram a crença em questão, muitos familiares não proveriam as necessidades básicas daqueles que atingiram a terceira idade, para além de não fazerem frente à carência emocional que, supostamente, lhes seria peculiar.

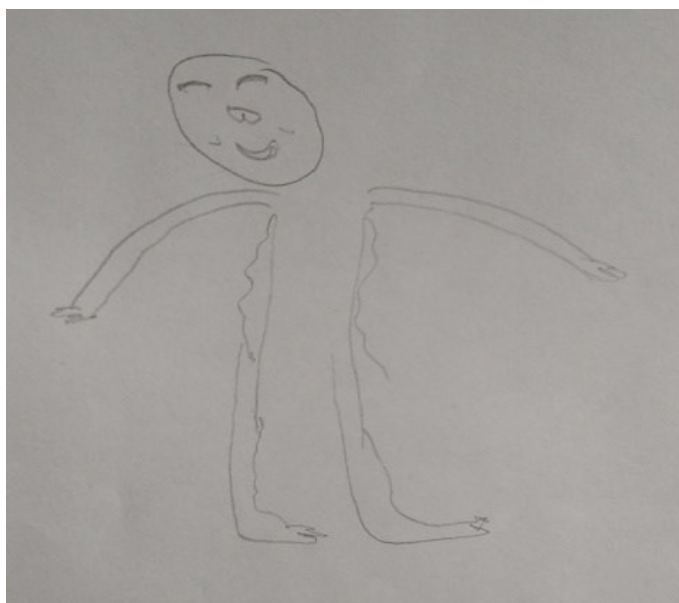
Contudo, é interessante mencionar que algumas participantes deram a entender, ainda que timidamente, que certos idosos teriam uma parcela de responsabilidade nesse processo, pois apresentariam particularidades comportamentais que, no limite, inviabilizariam a

convivência, como se vê no excerto 7: “*Idoso é igual criança [...] você não aguenta [...] É bem difícil [...] briga com todo mundo*” (Participante 6). De modo semelhante, os sujeitos que vivenciam a última fase do ciclo vital foram rotulados como “turrões” pela participante 1 e como “teimosos” pela participante 7. Seguindo esse raciocínio, na velhice determinadas pessoas se tornariam rabugentas e isso, eventualmente, poderia ser apontado como justificativa para o abandono familiar que culminaria na institucionalização.

Porém, no desenho 3 e no desenho 4, produzidos pela participante 3 e pela participante 8, nesta ordem, os personagens estão sorrindo, o que leva à relativização desse traço. E isso possivelmente favorece a formação de vínculos afetivos, acompanhando o excerto 8: “*A gente se apega muito [aos idosos institucionalizados]*” (Participante 12). O excerto 9, por fim, denota que o fato de muitos idosos terem sido, supostamente, abandonados por seus familiares é o que estimula o estabelecimento de uma relação mais profunda com os mesmos: “*É porque aqui [na ILPI] as pessoas são, assim [...] deixadas aqui como um móvel [...] Você não quer aquele móvel, você pega e coloca aqui. Então aquilo chega a doer, e a gente toma amor*” (Participante 9). Em suma: este campo de sentido indica que o imaginário coletivo de diversas participantes em relação aos idosos aparentemente subsidia atitudes empáticas, mas pode ser atravessado por um insidioso movimento de culpabilização da vítima.



Desenho 3: relativo à estória “Lembrança da minha avó”, elaborada pela participante 3



Desenho 4: relativo à estória “Família imaginária”, elaborada pela participante 8

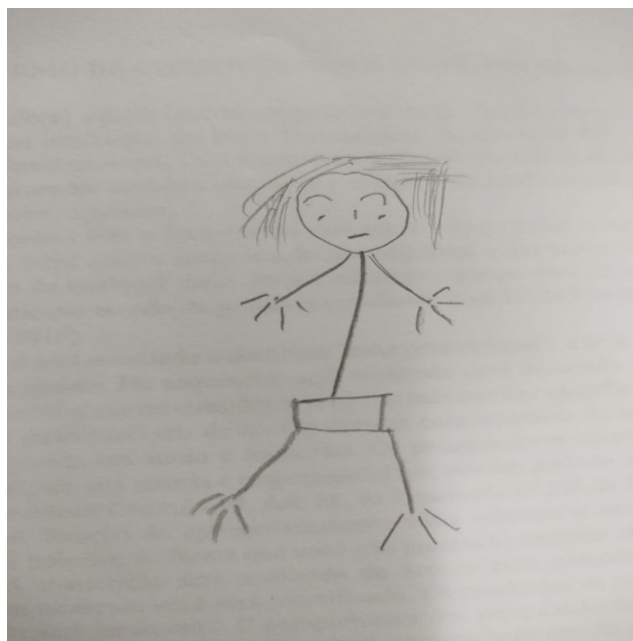
(Des)Arranjo familiar

O terceiro e último campo de sentido foi estruturado com base na constatação de que, para diversas participantes, a configuração familiar dos idosos lhes causa tristeza, pois não

subsídia reciprocidade afetiva. O excerto 10 pode ser considerado um exemplo disso sendo que representa uma reflexão apresentada em primeira pessoa pelo personagem: “*Eu tenho muito amor a eles [meus filhos], mas não eles por mim. Hoje me encontrei aí [na ILPI], esquecido, abandonado, não lembrado por eles*” (Participante 4). Nos desenhos 5 e 6, produzidos pelas participantes 6 e 10, respectivamente, os personagens também aparentam estar tristes. Acompanhando o excerto 11, o contato dos idosos com seus familiares seria a única medida capaz de reverter esse sentimento: “*Hoje [as idosos] tiveram visita. Elas ficaram todas felizes, tadinhas*” (Participante 12).



Desenho 5: relativo à estória “Saudade da vida antiga”, elaborada pela participante 6



Desenho 6: relativo à estória “Estória da Maria”, elaborada pela participante 10

De acordo com outra crença relativa a este campo de sentido, as participantes compreendem que os idosos precisam ser tolerantes para não serem institucionalizados pelos filhos e, assim, para não se tornarem tristes, como se observa no excerto 12: *“Eu falo que eu quero ser uma velhinha tolerante. Se não, meus meninos também não vão me tolerar, né? Vai me pôr no asilo”* (Participante 6). O excerto 13 reflete basicamente a mesma linha de raciocínio, evidenciando sua recorrência entre as participantes: *“Eu penso: será que meus filhos vão ter paciência comigo?”. Ai eu procuro ter o máximo possível de paciência, porque eu penso: “e se ninguém tiver comigo?”* (Participante 8).

DISCUSSÃO

O primeiro campo de sentido indica que o imaginário coletivo das participantes se organiza em torno de uma suposta dependência, sobretudo física, decorrente das limitações causadas pela idade, em função da qual os cuidadores precisariam dedicar-se aos idosos. Ocorre que os idosos institucionalizados, normalmente, são pessoas que possuem alguma doença

crônica, consumidores de quatro ou mais medicamentos de forma rotineira e que necessitam de dietas nutricionais. Além disso, são de fato propensos à perda da dependência, pois após um certo período de sua vida, decaem-se (Salcher et al., 2015 & Marin et al., 2012). Nunes et al (2019) ainda sugerem que alguns idosos podem apresentar limitações em atividades do dia a dia.

Em relação à crença de que idosos são carentes, a qual é concernente a esse mesmo campo de sentido, as participantes sugerem que o afastamento da família seria a principal causa da institucionalização, e muitas delas parecem de certa forma tentar compensar esse afastamento aproximando-se afetivamente dos idosos. Entretanto, Salcher et al (2015) salientam que, por mais que a equipe multiprofissional da ILPI possa oferecer um cuidado significativo, esse cuidado não substitui aquele que deveria ser prestado pelas famílias. Diante disso, os autores sugerem que é necessária uma conscientização por parte dos familiares, pois os mesmos continuam desempenhando um papel afetivo importante na vida dos idosos mesmo após a institucionalização.

Já o segundo campo de sentido revela que perpassa o imaginário coletivo de diversas participantes a ideia de que a institucionalização seria a consequência do abandono dos idosos por seus familiares. Conforme foi observado por Ribeiro et al (2021), os idosos podem ser vítimas de abandono familiar por diversos motivos, bem como podem se encontrar em situação de vulnerabilidade social mesmo quando residem com algum familiar. Além disso, o abandono é causado por eventualidades frente às quais o próprio idoso não possui controle, independentemente de como vivenciou sua vida ou da classe social à qual pertence (Manna et al., 2018). Ademais, as ILPIs, muitas vezes, são vistas como um “depósito” de idosos que são abandonados por seus familiares, sobretudo quando passam a apresentar dependências (Santos et al., 2014).

Todavia, algumas participantes deram a entender que alguns idosos possuíam uma certa responsabilidade no processo de institucionalização, pois os mesmos apresentariam comportamentos intransigentes, inflexíveis e, conseqüentemente, difíceis de se lidar. Essa percepção vai ao encontro do que foi obtido no estudo de Perlini et al (2007), de acordo com o qual muitas famílias possuem dificuldades relacionais com os idosos, em especial pela “teimosia” que seria comum a eles. Entretanto, os autores sugerem que essa característica pode ser consequência da resistência a mudanças. Além disso, ressaltam que a institucionalização também pode ocorrer como um “acerto de contas” por situações mal resolvidas no decorrer da vida do idoso e de seus familiares. De modo semelhante, Manna et al (2018) constataram que é comum a crença de que o idoso é o principal responsável pelos acontecimentos de sua vida, inclusive por sua institucionalização.

Entretanto, algumas participantes parecem relativizar essa perspectiva, pois se preocupam com a criação de um vínculo afetivo com os idosos, além de que, em alguns casos, exteriorizaram lembranças de algum ente querido. Nesse caso, Castro et al (2013) ressaltam que o vínculo que é construído com o idoso institucionalizado é uma forma de proporcionar um cuidado de qualidade. Em outro estudo, Salcher et al (2015) reforçam que a equipe de uma ILPI é de suma importância para proporcionar aos idosos cuidados especializados conforme a necessidade de cada um, além de uma atenção focalizada para a melhora de sua saúde.

O terceiro campo de sentido coloca em relevo o suposto (des)arranjo familiar de idosos institucionalizados que, para muitas participantes, acarretaria no esquecimento, no abandono e na tristeza daqueles que residem em ILPIs. Com a chegada da velhice, na maioria dos casos se espera a oferta de amparo por parte dos familiares, em especial dos filhos, aos idosos, porque a família é o primeiro referencial de acalento do indivíduo. Muitos idosos esperam por isso, entretanto, essa oferta nem sempre ocorre (Balak & Ningeliski, 2020). Logo, a crença das participantes encontra respaldo em dados da realidade.

Contudo, quando não há outra solução a não ser institucionalizar o idoso, a atenção e a proximidade deveriam ser mantidos pela família, para que a adaptação do idoso seja mais fácil e menos traumática. A instituição deveria ser vista como um local de moradia e não como um “depósito de idosos”, e isso salienta a importância de visitação por parte dos familiares (Balak & Ningeliski, 2020). Ao que tudo indica, porém, a visitação acontece apenas esporadicamente, segundo a maioria das participantes.

Outro ponto importante a ser destacado é que os idosos podem ser vistos como um fardo por parte de seus familiares por não possuírem mais capacidade laborativa. Ou seja: as pessoas teriam valor apenas enquanto jovens e se possuírem condições de trabalhar e ajudar economicamente a família (Balak & Ningeliski, 2020). A partir disso, muitos familiares discutem entre si a responsabilidade pelo cuidado do idoso. No entanto, é crucial destacar que nesta fase da vida, o suporte emocional dos familiares é fundamental para que o idoso se sinta valorizado e amparado (Balak & Ningeliski, 2020).

É importante destacar que diversas participantes denotam medo de serem “abandonadas” em uma ILPI. Aparentemente isso faz com que elas assumam uma postura empática em relação aos idosos institucionalizados. Mais especificamente, elas parecem tratá-los com gentileza e carinho na expectativa de que venham a receber tratamento semelhante se forem institucionalizadas um dia. De qualquer maneira, algumas delas sinalizaram que se empenham em ser “tolerantes” para que sejam mantidas por seus filhos no seio da própria família. Mas parece razoável que, levando ao extremo essa estratégia, elas podem acabar se impondo certos sacrifícios, o que poderia resultar na mesma tristeza da qual elas acreditam que estarão livres se não forem obrigadas a passar seus últimos dias em uma ILPI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os três campos de sentido captados no presente estudo viabilizam a identificação de crenças que ocupam lugar central no imaginário coletivo das participantes em relação à velhice e, assim, podem direcionar, em especial inconscientemente, as atitudes demonstradas pelas mesmas, no exercício de suas atividades profissionais, frente a idosos institucionalizados. Parece predominar, entre as participantes, uma perspectiva negativa sobre o envelhecimento, à luz da qual ele é associado, sobretudo, à dependência e à carência. Sob a influência dessa perspectiva, a atenção integral que deve ser ofertada no âmbito das ILPIs pode acabar se revelando inviável. No entanto, os resultados obtidos no presente estudo se referem apenas a um grupo específico de profissionais de uma única ILPI e que possuem baixa escolaridade. Novas pesquisas desenvolvidas com foco na investigação do imaginário coletivo em sua acepção psicanalítica poderão revelar se profissionais com maior escolaridade apresentam características semelhantes ou distintas.

REFERÊNCIAS

- Aiello-Vaisberg, T. M. J., & Ambrosio, F. F. (2013). Rabiscando desenhos-estórias com tema: pesquisa psicanalítica de imaginários coletivos. In: Trinca, W. (Org.), *Procedimento de desenhos-estórias: formas derivadas, desenvolvimentos e expansões* (p. 277-302). São Paulo: Vetor.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J.; Ambrosio, F. F. (2006). Imaginários coletivos como mundos transicionais. In: Aiello-Vaisberg, T. M. J.; Ambrosio, F. F. (Org.), *Cadernos ser e fazer: imaginários coletivos como mundos transicionais* (p. 5-8). São Paulo: IPUSP.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J.; Machado, M. C. L. (2008). Pesquisa psicanalítica de imaginários coletivos à luz da Teoria dos Campos. In: Monzani, J.; Monzani, L. R. (Orgs.). *Olhar: Fábio Herrmann – uma viagem psicanalítica* (p. 311-324). São Carlos: Pedro & João.
- Alves, M. B., Menezes, M. D. R. D., Felzemburg, R. D. M., Silva, V. A. D., & Amaral, J. B. D. (2017). Instituições de longa permanência para idosos: aspectos físico-estruturais e organizacionais. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 21(4), e20160337.
<https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2016-0337>
- Assis, N. D. P. D., Visintin, C. D. N., Borges, A. D. A. B., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2020). Mulher, mãe e filha cuidadora: imaginários coletivos sobre relações intergeracionais. *Psicologia Clínica*, 32(2), 213-230. <https://doi.org/10.33208/PC1980-5438v0032n02A01>
- Balak, J. G., & de Oliveira Ningeliski, A. (2020). Abandono afetivo inverso: a responsabilidade civil dos filhos por abandono afetivo dos pais idosos. *Academia de Direito*, 2, 1-24.
<https://doi.org/10.24302/acaddir.v2.2294>
- Bleger, J. (1989). *Psicologia da conduta*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Cardoso, C.A. (2016). *O processo de institucionalização de idosos no município de Florianópolis: A importância da proteção social as famílias*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Santa Catarina].
- Castro, V. C. C., Derhun, F. M., & Carreira, L. (2013). Satisfação dos idosos e profissionais de enfermagem com o cuidado prestado em uma instituição asilar. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental*, 5(4), 493-502. <https://doi.org/10.9789/2175-5361.2013v5n4p493>
- Costa, P. D. A. D. (2017). *A atuação das equipes multiprofissionais para viabilizar os direitos da pessoa idosa: estudo nas instituições de longa permanência para idosos de João Pessoa/PB*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba].
- Farias Oliveira, I., Cavalcante, J. A. G., de Souza, J. K. C., Silva, L. E. O., & Batista, L. M. (2020). Promoção de saúde, educação e qualidade de vida para os residentes e cuidadores de uma instituição de longa permanência para idosos (ILPI): um relato de experiência. *Brazilian Journal of Health Review*, 3(6), 19665-19671. <https://doi.org/10.34119/bjhrv3n6-342>
- Souza Arruda, L., & Moreira, C. O. F. (2016) Colaboração interprofissional: um estudo de caso sobre os profissionais do Núcleo de Atenção ao Idoso da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (NAI/UERJ), Brasil. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 22(64), 1-13. <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0613>
- Brasil (2021). Resolução nº 502, de 27 de maio de 2021. Diário Oficial da União. <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-rdc-n-502-de-27-de-maio-de-2021-323003775>
- Guerra, M., Martins, I., Santos, D., Veiga, J., Moitas, R., & Silva, R. (2019). Cuidadores formais de idosos institucionalizados: percepções e satisfação profissional. *Gestão e Desenvolvimento*, 27, 291-313. <https://orcid.org/0000-0002-7229-0858>

- Manna, R. E., Leite, J. C. A., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2018). Imaginário coletivo de idosos participantes da Rede de Proteção e Defesa da Pessoa Idosa. *Saúde e Sociedade, 27*, 987-996. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902018180888>
- Marin, M. J. S., Miranda, F. A., Fabbri, D., Tinelli, L. P., & Storniolo, L. V. (2012). Compreendendo a história de vida de idosos institucionalizados. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, 15*, 147-154. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232012000100016>
- Nunes, D. P., Brito, T. R. P., Giacomini, K. C., Duarte, Y. A. O., & Lebrão, M. L. (2019). Padrão do desempenho nas atividades de vida diária em idosos no município de São Paulo, nos anos 2000, 2006 e 2010. *Revista Brasileira de Epidemiologia, 21*(supl. 2), e180019. <https://doi.org/10.1590/1980-549720180019.supl.2>
- Oliveira, L. F., & Enoque, A. G. (2019). O pertencimento e o lugar: um estudo acerca das representações sociais de cuidadores de idosos de uma instituição de longa permanência de um município no interior de Minas Gerais. *Geografia em Questão, 12*(1), 75-102. <https://doi.org/10.48075/geoq.v12i1.19937>
- Orsi, M. (2018). *Percepções do cuidado da equipe multiprofissional aos idosos em uma instituição de longa permanência*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Santa Catarina].
- Peres, R. S., Anjos, A. C. Y., Rocha, M. A., Guimarães, A. G. C., Borges, G. M., Souza, K. G., & Pereira, M. G. (2011). O trabalho em equipe no contexto hospitalar: reflexões a partir da experiência de um programa de residência multiprofissional em saúde. *Revista Em Extensão, 10*(1), 113-120. <https://doi.org/10.14393/REE-v10n12011-20760>
- Perlini, N. M. O. G., Leite, M. T., & Furini, A. C. (2007). Em busca de uma instituição para a pessoa idosa morar: motivos apontados por familiares. *Revista da Escola de*

Enfermagem da USP, 41, 229-236. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342007000200008>

- Ribeiro, D. A. T., Costa, A. B., Mariano, P. P., Baldissera, V. D. A., Betioli, S. E., & Carreira, L. (2021). Vulnerabilidade, violência familiar e institucionalização: narrativas de idosos e profissionais em centro de acolhimento social. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 42, e20200259. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2021.20200259>
- Rosa, D. C. J., Lima, D. M. D., Peres, R. S., & Santos, M. A. D. (2019). O conceito de imaginário coletivo em sua acepção psicanalítica: uma revisão integrativa. *Psicologia Clínica*, 31(3), 577-595. <https://doi.org/10.33208/PC1980-5438v0031n03A09>
- Salcher, E. B. G., Portella, M. R., & Scortegagna, H. D. M. (2015). Cenários de instituições de longa permanência para idosos: retratos da realidade vivenciada por equipe multiprofissional. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 18, 259-272. <https://doi.org/10.1590/1809-9823.2015.14073>
- Santos, N. O. S., Beuter, M., Girardon-Perlini, N. M. O., Manganelli, L., Paskulin, G., Leite, M. T., & Budó, M. L. D. (2014). Percepção de trabalhadores de uma instituição de longa permanência para idosos acerca da família. *Texto & Contexto Enfermagem*, 23(4), 971-978. <https://doi.org/10.1590/0104-07072014003170013>
- Silva, M. A. B. P.; Peres, R. S. (2016). O imaginário coletivo de agentes comunitários de saúde em relação a usuários de saúde mental. *Vínculo*, 13(2), 55-65.
- Simões, C. H. D., Ferreira-Teixeira, M. C., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). Imaginário coletivo de profissionais de saúde mental sobre o envelhecimento. *Boletim de Psicologia*, 64(140), 65-77.
- Sousa, L. G. & Peres, R. S. (2023). Significados sobre a velhice segundo profissionais e gestores de serviços de cuidados de longa duração: metassíntese da literatura científica. *Mosaico:*

Revista Multidisciplinar de Humanidades, 14(2), 228-237.

<https://doi.org/10.21727/rm.v14i2.3547>